

O PAPEL DA MULHER NAS MÚSICAS EM LÍNGUA INGLESA: UMA ANÁLISE À LUZ DO FEMINISMO

Larissa Alves Dos Santos Rodrigues

<http://lattes.cnpq.br/5947690850299449>

<https://orcid.org/0009-0007-4259-0052>

E-mail: laalvesrodrigues24@gmail.com

Auxiliadora Maria Martins da Silva

<http://lattes.cnpq.br/0014492491967048>

<https://orcid.org/0000-0003-3325-0340>

E-mail: auxiliadora.martins@ufpe.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RNI-2026.V1N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RNI-2026.V1N3-12>

RESUMO: O presente artigo se propõe a compreender e analisar trechos de músicas que já estiveram no Top 100 da Billboard nas quais o ser feminino é o tema principal, avaliando a sua representação social através da perspectiva da Análise Crítica do Discurso. A mulher vem conquistando o seu espaço na sociedade de forma gradativa, fazendo com que o feminismo seja cada vez mais abordado atualmente, principalmente na indústria musical. A problemática que conduz este artigo é saber qual é a representatividade da mulher na música. A coleta de informações foi realizada pelo método de procedimentos visuais. Na análise de dados foi constatado que, por causa do machismo que a mulher sofre, a sua representatividade na indústria musical ainda é negativa.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Mulher. Billboard. Música.

THE ROLE OF WOMEN IN ENGLISH-LANGUAGE SONGS: AN ANALYSIS THROUGH THE LENS OF FEMINISM

ABSTRACT: This article aims to understand and analyze excerpts from songs that have been on Billboard's Top 100 in which women are the main theme, evaluating their social representation through the perspective of Critical Discourse Analysis. Women have been gradually gaining ground in society, leading to feminism being increasingly addressed today, especially in the music industry. The issue that drives this article is to understand the representation of women in music. Information was collected using visual procedures. Data analysis showed that, due to the sexism women suffer, their representation in the music industry is still negative.

KEYWORDS: Feminism. Women. Billboard. Music.

INTRODUÇÃO

A sociedade patriarcal brasileira dissemina a ideologia de que os homens são superiores às mulheres. Além disso, ainda existe a opressão de entidades religiosas que têm por base o cristianismo. É fato que o machismo não surgiu na sociedade moderna, ele está impregnado na cultura há séculos, milênios. É por esse motivo que, por muitas

vezes, as pessoas manifestam atitudes machistas, justamente pelo fato de que esse sistema está enraizado na sua mentalidade.

A mulher foi condicionada a lavar, passar, cozinhar, casar e obedecer a seu marido independentemente da situação. Ainda hoje, aquelas que fogem aos padrões impostos pela sociedade são tachadas de inúmeros adjetivos que difamam suas imagens fazendo com que muitas delas mudem de ideia e voltem a seguir os mesmos padrões machistas de sempre. No entanto, as mulheres estão desconstruindo cada vez mais esses conceitos e buscando a igualdade econômica, política e social dos sexos. A busca por essa igualdade é chamada de feminismo. Este movimento possui várias vertentes e está cada dia mais forte em nossa sociedade.

Nessa perspectiva, um dos objetivos deste artigo é proporcionar visibilidade à imagem do ser feminino e ao modo pelo qual a mulher é vista pela indústria musical. O objetivo principal é analisar trechos de músicas em Língua Inglesa nas quais a mulher é retratada, avaliando a representação sobre a mulher através da perspectiva da análise crítica do discurso (ACD). Buscamos identificar a retratação da mulher nas músicas em língua inglesa através da análise do discurso discutindo a representação feminina e o processo de sexualização, ambições de trabalho e questões sociais. É importante mostrar que a mulher tem o seu devido valor, apesar da indústria musical tratar a sua imagem de forma sexual e submissa na maioria das vezes.

É relevante perceber como o ser feminino é retratado pelos artistas nas músicas, uma vez que possuem milhões de seguidores nas redes sociais, influenciando pessoas no seu modo de ser e viver. Utilizamos a Análise Crítica do Discurso porque um de seus objetivos é estudar a linguagem como prática social e como ferramenta de poder. Para fazer a ACD é preciso seguir um esquema, que começa analisando um problema social que tenha um aspecto semiótico, identificando e abordando os elementos que serão analisados, considerando a problemática desses elementos, procurando as possíveis soluções e, por fim, refletindo sobre a análise de forma crítica. É através da perspectiva da ACD que o feminismo é tratado neste artigo. Afinal, a mulher feminista não busca ser melhor que o homem, ela busca a igualdade de gênero.

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO – BREVE HISTÓRICO

A Análise Crítica do Discurso¹ foi desenvolvida no final dos anos 80 por Norman Fairclough e trata-se de *uma abordagem científica interdisciplinar para estudos críticos da linguagem como prática social* (Ramalho e Resende, 2011, p.12). É através dela que é possível analisar como a linguagem atua dentro da sociedade. O conceito de discurso não está apenas relacionado à linguagem, mas também aos aspectos históricos e sociais. Cada indivíduo possui o seu discurso de acordo com a formação política, cultural, histórica e ideológica. Fairclough (2003, p.26) afirma que o discurso possui dois significados: um sendo substantivo abstrato, *linguagem como momento irreduzível da vida social e o outro sendo substantivo concreto, modo particular de representar parte do mundo*.

Essa heterogeneidade acontece pelo fato de que há uma variedade de abordagens que se identificam com a ACD. Logo, não foi apenas Fairclough quem trouxe abordagens que causaram avanços na ACD, mas também houve a influência de outros autores como Teun Van Dijk, e Ruth Wodak, fazendo com que a abordagem de cada autor fornecesse um acesso teórico para pesquisas discursivas. Além disso, a ACD tem uma forte ligação com o Marxismo e para ele, a ACD obtém a definição de ideologia que está presente no materialismo histórico.

Com relação às implicações ideológicas no discurso, é necessário falar acerca das categorias analíticas e exemplos de análises textuais. Neste artigo, será abordada a representação de atores sociais (a afrodescendente) que é uma categoria de análise textual relacionada diretamente ao significado representacional e a discursos particulares (Ramalho e Resende, 2011, p. 148). Nas análises, o ator social é representado no texto por escolhas sócio semânticas, podendo passar por um processo de exclusão ou inclusão. Existem três momentos do discurso que são realizados em traços gramaticais, semânticos e lexicais dos textos: discursos, gêneros e estilos. Estes momentos representam, interagem e identificam-se com as práticas sociais que são materializadas em textos. A relação entre os três citados acima é dialética, isto é, *cada qual internaliza traços de outros sem se reduzirem a um* (Ramalho e Resende, 2011, p. 112) e estes são realizados em traços

1 Doravante ACD.

particulares nos textos. Os discursos aparecem nas formas representacionais, os gêneros são especificados nas formas acionais de textos e os estilos estão presentes nas formas identificacionais.

A MULHER NA SOCIEDADE PATRIARCAL E O SURGIMENTO DO MOVIMENTO FEMINISTA

O ser feminino passou por diversos obstáculos durante toda sua trajetória de vida e até os dias de hoje, o machismo é bastante presente, porque é fato que ele está impregnado na nossa cultura há séculos, milênios. Além da questão de gênero, é perceptível o quanto a religião reforça o machismo. Do ponto de vista das religiões cristãs, a mulher deve ser subjugada ao homem uma vez que ela foi criada a partir dele, pois Eva não foi criada no mesmo momento que Adão tampouco com uma finalidade própria; ela foi criada apenas para salvar Adão da solidão.

Portanto, é através deste pensamento arcaico que o ser feminino é visto na sociedade até os dias de hoje: como um ser que foi criado do homem e deve sempre se submeter-se a ele. Com isso, a mulher passou a ser condicionada a fazer serviços domésticos, tomar conta do lar, procriar e obedecer a seus maridos, fazendo com que a mesma nem tivesse o direito de sair de casa sem a permissão dos chefes de família.

Uma das grandes influências do movimento feminista foi a filósofa e escritora francesa Simone de Beauvoir. Ela não acreditava que o patriarcado era a melhor opção para as mulheres, muito menos era a favor do casamento arranjado, que era um dos padrões da época. A própria Simone *apud* Monteiro e Grubba afirma que *nenhum destino biológico, psíquico ou econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino* (2017, p. 266).

A luta das sufragistas pelo direito ao voto acarretou violência e rejeição dos membros de suas famílias e fez com que muitas mulheres fossem julgadas pela sociedade e tivessem sua liberdade restringida. Dessa forma, a fim de ter o direito ao voto finalmente reconhecido, o movimento feminista dividiu-se em três momentos, sendo estes, a Primeira Onda, que ocorreu entre o final do século XIX e o começo do século XX; a

Segunda Onda, entre os anos de 1960 e 1980; e a Terceira Onda, entre os anos de 1990 a 2000 (Klebis, 2015).

A primeira onda do feminismo foi responsável por diversos atos de protesto na Inglaterra, o que gerou diversas polêmicas e revoltas, mas simultaneamente comoveu grande parte das mulheres que militavam por essa causa. As militantes do movimento foram presas várias vezes e fizeram greves de fome em prol do movimento. Um momento que teve grande importância no movimento sufragista foi a morte de Emily Davison, que se jogou na frente do cavalo do Rei da Inglaterra (Pinto, 2010). Isso fez com que várias mulheres se reunissem em seu funeral e clamassem pelo direito de votar, o que deu enorme visibilidade ao movimento.

A segunda onda do feminismo ocorreu especialmente nos Estados Unidos e na França e a pauta de luta era a discriminação de gênero. O respeito às diferenças era extremamente necessário, com o objetivo de ter uma sociedade igualitária entre os sexos. As militantes da causa feminista da segunda onda compreendiam que as desigualdades políticas e culturais dos seres femininos estavam intrinsecamente relacionadas. Nessa segunda fase do movimento feminista, a autora e ativista Ângela Davis se fez presente e se tornou um grande exemplo do movimento do Feminismo Negro, pois, enquanto mulheres brancas criaram o feminismo lutando por direito ao trabalho e voto, as mulheres negras que sempre trabalharam, inclusive, como escravas, negras de ganho e trabalhadoras domésticas foram desconsideradas, não integradas no debate branco, o que fez surgir esta vertente do feminismo.

Foi a partir de seus discursos que a sociedade passou a dar mais visibilidade às dificuldades sofridas pela população negra. Davis (1981, p. 101) afirma que muitas mulheres conseguiram lecionar em escolas, mas foram demitidas por causa do preconceito. Além de terem sido expulsas das salas de aula foram obrigadas a trabalhar nas cozinhas e nas lavanderias mostrando que as mulheres negras não tinham voz dentro do movimento feminista.

Davis relata em seu livro *Mulheres, raça e classe* o mau tratamento que as mulheres recebiam e que seus discursos se tornavam inválidos por causa da cor da pele. Para fazer parte do movimento feminista era necessário ser mulher, mas nem todas elas eram adequadas. Com isso, podia-se perceber que as mulheres negras eram *praticamente*

invisíveis no interior da longa campanha pelo sufrágio feminino (Davis, 1981, p.146). A autora é uma das mulheres que mais teve visibilidade nesse período, principalmente por fazer parte do movimento dos Panteras Negras.

Na década de 80, surgiu a terceira onda feminista, que permanece até os dias atuais. Nessa fase o movimento aprofunda debates já discutidos nas gerações anteriores, como o papel da mulher na sociedade. As mulheres feministas da terceira onda focaram na mudança de estereótipos, e na linguagem que era usada pela mídia para definir as mulheres. O objetivo era reconhecer as mais variadas identidades femininas e o abandono da ideologia do feminismo vítima, aplicada ao feminismo da segunda onda, em uma interpretação pós-estruturalista do gênero e da sexualidade (Consolim, 2017).

A HISTÓRIA DA BILLBOARD E SUA INFLUÊNCIA NA INDÚSTRIA DA MÚSICA

Considerada a *bíblia da música* a *Billboard* é uma revista semanal que foi criada em 1894 nos Estados Unidos, cujo foco era o mercado publicitário. Mais tarde em 1950, os editores da revista passaram a tratar só de música, fazendo com que a *Billboard* se tornasse a maior referência mundial na área. Para os artistas é de suma relevância que suas músicas estejam presentes no topo das paradas dessa revista.

No mês de agosto de 1958, a *Billboard* decidiu ousar e lançou o *Hot 100*, que é uma tabela musical que conciliava número de reproduções das músicas nos programas de rádio e dados de vendas. Cada vez que uma música é executada em uma plataforma paga, conta como um ponto cheio. Execuções em plataformas com modalidades gratuitas valem dois terços de um ponto e execuções em rádios programadas contam meio ponto, essa avaliação e contagem desses pontos são feitos semanalmente, de sexta-feira a quinta-feira (Haguiô, 2020), registrando a popularidade da música tocada durante esse período. Conseguir chegar ao topo dessa lista é considerado, até os dias de hoje, o maior indício de que a música se tornou um hit absoluto. Ter o privilégio de liderar o *Billboard Hot 100* significa que aquela música foi a mais ouvida nos Estados Unidos naquela semana. Esse *ranking* existe desde 1955, ou seja, há 65 anos, e, atualmente, agrupa as execuções de

faixas nas plataformas de *streaming* e em cerca de 1 mil estações de rádio no país, além de realizar vendas físicas e digitais.

A MULHER RETRATADA NA MÚSICA

A imagem da mulher é tratada por esse gênero de modo estereotipado: a mulher é vista como um ícone sexual, independente do seu intelecto – pois não é esse o foco –, a mulher retratada na música, de modo geral, é aquela que apresenta um comportamento vulgar, corpo perfeito, *desejável*, cobiçado pelo público masculino, assim como também, muitas vezes, pelo público feminino.

Em alguns casos, a figura feminina é representada como musa, passando a ter, também, um comportamento padronizado, visto como correto, perdendo sua liberdade de ser, sendo, mais uma vez, objetificada, apresentando comportamentos ditados pela sociedade machista como normais ou esperados, como nas músicas como *Ai Que Saudades da Amélia*, lançada em 1942, composta por Ataulfo Alves, por exemplo. Há ainda outras, que incitam a violência sexual como, por exemplo, a música de Mc Roba a Cena, *Vai Tomar Dormindo*, lançada em 2018.

Com base nisso, a análise de dados se deu a partir de 6 músicas que estiveram no TOP 100 da Billboard nos anos de 2013 a 2015 e apresentam em suas letras conteúdos machistas. As canções foram analisadas a partir de suas traduções, através do *site* <https://letras.mus.br/> (2020), sendo as músicas: *Blurred Lines* – Robert Thinkle (2013); *Wiggle* – Jason Derullo (2014); *Animals* – Maroon 5 (2014); *All about that Bass* – Meghan Trainor (2014); *Talk Dirty* – Jason Derullo (2014); e *Hotline Bling* – Drake (2015).

BLURRED LINES (LINHAS BORRADAS) – ROBERT THINKLE, COM PARTICIPAÇÃO DE T.I. & PHARRELL WILLIAMS (2013)

A música passou 12 semanas em 1º lugar. Ela tem um teor pejorativo em relação à mulher, Barifouse (2013) afirma que a letra promove o estupro e a degradação da mulher. O cantor Thinkle, em entrevista, corrobora essa alegação ao dizer que *claro que é. É um prazer degradar mulheres. Nunca pude fazer isso. Sempre as respeitei* (Barifouse, 2013). O cantor Pharrell, apesar de ter defendido a letra em algumas entrevistas, passou

a dizer que se sente envergonhado de ter participado da criação dessa faixa afirmando que *percebi que existem homens que usam essa mesma linguagem quando se aproveitam de uma mulher, e não importa que esse não seja meu comportamento. Só importa como isso afeta as mulheres* (Pharrell, 2019 apud prisco 2019).

A música traz sentenças como *por falar em ser bombardeada/Odeio essa linha tênue/Eu sei que você quer/Mas você é uma boa menina/A forma como você me agarra/Deve querer fazer besteira/ (...) você é a vadia mais bonita deste lugar*. (<https://letras.mus.br>, 2020). A frase *eu sei que você quer* é uma das principais a sugerirem o estupro, sendo utilizada em discursos machista ouvidas no cotidiano de que a mulher *pede pelo ato*, além do termo *vadia* que, de modo geral, significa promiscua ou depravada.

A letra começa com as frases *se você não pode ouvir o que eu estou tentando dizer/Se você não pode ler a mesma página/Talvez eu esteja ficando surdo/Talvez eu esteja ficando cego/Talvez eu esteja fora de mim* (<https://letras.mus.br>, 2020). A condição de uma pessoa não poder ouvir o que outra tem a lhe dizer pode configurar que: ela não quer escutar ou ela não pode no sentido de conseguir – ter consciência para. A ideia de ‘talvez’ o homem está surdo, cego ou fora de si traz a direção do pensamento ao ato de fazer algo errado com a desculpa de *não ter conseguido pensar direito*, um sentimento passional.

O ser masculino da música, o eu lírico, insiste no decorrer da letra que o ser feminino é bom, sem maldade: *Você é uma menina boa/Não posso deixar passar/(...) Eu odeio essas linhas borradas/Eu sei que você quer*” (<https://letras.mus.br>, 2020), porém, não *‘pode deixar passar*. É uma frase forte e sugere que algo acontecerá com ou sem a vontade da mulher, dando sequência a noção que ele está descontrolado no verso anterior.

A afirmativa *eu sei que você quer* é repetida ao longo da letra e traz desconforto o modo que é dita durante a canção. Infelizmente, o gênero feminino tem sido dito o que quer e como quer durante anos de desenvolvimento e criação em uma sociedade machista. Desde ser uma dona de casa perfeita, não ter relacionamentos demasiados para não ficar falada ou não conseguir um marido, não beber muito ou simplesmente não beber. Ainda hoje, no Século XXI, mulheres são acusadas de ‘procurarem pelo estupro’ pelo fato de terem bebido ou perdido a noção e os sentidos.

As estrofes seguintes sugerem a mulher como um objeto e o eu lírico expressa as promiscuidades que deseja fazer com ela: (...) *Sim, eu tive uma vadia, mas ela não era tão má quanto você/Então me bata quando você passar/Eu vou te dar algo tão grande que vai partir sua bunda no meio* (<https://letras.mus.br>, 2020). O último verso sugere uma agressão sexual com alta proporção de violência, ele quer dizer que a penetração será tão forte que o ser feminino terá a sensação de que suas nádegas estão partindo ao meio, não suficiente, a letra continua com mais incitação à violência e à construção de um cenário de estupro.

Expressões como *bater na bunda, puxar cabelo, faça como se doesse, você pode respirar e trouxe isso da Jamaica* são aqui baste preocupantes e estimulam o pensamento machista, além de exaltar e justificar o estupro como algo normal. Ao perguntar se a mulher pode respirar, traz a ideia de que ela está sem forças ou até mesmo sem vida, subjugada, paralisada e em condição de impotência. Ao dizer que trouxe algo da Jamaica, o eu lírico deixa implícito se tratar de drogas, visto que o País é conhecido por sua associação à *Cannabis sativa* (maconha), com o objetivo de drogá-la.

Além da apologia ao estupro, o sucesso musical também objetifica a mulher, comparando-a a um animal, menosprezando a figura feminina, visível no trecho, *mas você é um animal/Querida, está na sua natureza/Apenas me deixe libertar você/Você não precisa de nenhum documento/Aquele homem não é o seu par/E por isso eu vou levar comigo uma boa garota* (<https://letras.mus.br>, 2020). A música chegou a ser banida do YouTube por conta do clipe que, de acordo com Barifouse (2013), mostrava uma nudez explícita, também foi banida de vários centros universitários, que se posicionaram contra a incitação ao estupro no conteúdo da canção.

WIGGLE (MEXA) – JASON DERULLO COM PARTICIPAÇÃO DE SNOOP DOGG (2014)

A canção ficou em 40º lugar. Ela começa a partir de um diálogo entre dois homens no qual um incentiva o outro a falar com uma mulher, abordando-a falando do seu corpo: *Eu tenho uma pergunta/Como você se encaixa toda nesses jeans? /Você sabe o que fazer*

com essa bunda grande e gorda (<https://letras.mus.br>, 2020). É uma objetificação explícita aos atributos femininos que, de fato, interessam ao sexo oposto, seu corpo.

No contexto da letra, eles estão em uma espécie de boate ou casa de *show* e a mulher está dançando, a canção segue como *mexe, mexe e você sabe o que fazer com essa bunda grande*. Ainda de acordo com a música, infere-se que o ser feminino é uma prostituta e que trabalha no horário noturno, onde o homem quer apenas uma oportunidade de *mudar a sua vida*. O teor sexual e de objetificação da mulher segue no decorrer dos versos, inclusive, ao concluir que a fama feminina é mais comum pela exposição do seu corpo, ao afirmar que *se eu tirar algumas fotos enquanto você dança/Eu podia te fazer famosa no Instagram*, ou seja, a capacidade cognitiva ou as qualidades e virtudes da mulher não são necessárias, basta apenas mostrar o corpo. A canção também sugere o estupro velado e romantiza tal situação.

Penetração forte, comer e odiar, além de ser o rei, são termos que conferem a vontade dele, não a dela. Manifesta o sentido de que a mulher está à disposição e serventia do gênero masculino e de seus desejos, sem importar se ela consente, gosta ou sente prazer com isso. Além disso, usar termos como *amor* sugerindo uma relação carinhosa, romantizando o machismo, e o duplo sentido em sentenças como *as gotas da minha chuva*, para se referir ao sêmen.

Em seguida, o eu lírico começa a detalhar o que gostaria de fazer com a mulher, ao dizer *quero tirar sua roupa, mergulhar, tomar banho com você*. Para Stanton (2017), a depreciação da mulher “está enraizada na ideia que o homem tem dos seus direitos sexuais. Nossa religião, leis, costumes, baseiam-se na crença de que a mulher foi feita para o homem, para servir e satisfazer os seus interesses.

O clipe da canção traz vida à imaginação da letra, há a presença de uma escultura de gelo que representa o corpo feminino e homens lambendo o que deveria ser suas partes íntimas. Além do mais, a escultura não possui uma cabeça – sendo observado apenas a parte do busto, dorso e nádegas, intensificando o conceito de que é apenas isso a mulher para a sociedade machista: um objeto sexual e de luxúria.

ANIMALS (ANIMAIS) – MAROON 5 (2014)

Ficando na 62ª colocação, o título da música faz referência à mulher, indicando uma relação de presa e caçador, observada na primeira estrofe: *Baby, serei seu predador essa noite/Te caçarei, te comerei viva/Como animais, animais, como animais/Talvez você pense que pode se esconder/Mas eu consigo sentir seu cheiro de longe/Como animais, animais, como animais-mais/Baby, eu sou* (<https://letras.mus.br>, 2020).

A concepção de que uma pessoa pode até se esconder como um animal, mas que no final será encontrada por outra figura, um caçador, que a quer e deseja, como se tivesse o direito a sua essência, é assustadora e afirma a presença da cultura machista nas relações sociais dentro da sociedade, onde a mulher é um mero objeto de desejo e não tem suas vontades levadas em consideração. A letra traz a conotação de um estupro realizado por um homem que persegue uma mulher. Em inglês, o termo *stalker* representa essas atitudes e é crime nos Estados Unidos. No Brasil, o ato de perseguir não é considerado crime, mas uma contravenção penal, estando prevista nos termos dos arts. 60 e 61, da Lei 9.099/95.

O intérprete da música segue uma linha ilusória em sua mente de que há uma relação e provocação entre ele e a mulher que ele segue, levando-o a questionar *então o que está tentando fazer comigo? /Não conseguimos parar, somos inimigos/Mas nos damos bem quando estou dentro de você/Você é como uma droga que está me matando/Eu te elimino totalmente/Mas eu fico nas alturas quando estou dentro de você* (<https://letras.mus.br>, 2020). Percebe-se a inferência ao estupro em sentenças como *eu te elimino totalmente e fico nas alturas quando estou dentro de você*.

O eu lírico, ser masculino, sente seu poder sobre o ser feminino e regozija quanto ao fato da mulher *rolar no chão* e que essa pode *fingir que não era ele* que estava com ela durante o ato, o trecho diz: *Sim, você pode recomeçar/Pode correr livremente/Pode encontrar outro peixe no mar/Pode fingir que era pra acontecer/Mas não consegue ficar longe de mim/Ainda ouço você fazendo aquele som/Acabando comigo, rolando no chão/Pode fingir que era eu, mas não* (<https://letras.mus.br>, 2020). Ao afirmar que a mulher não consegue se distanciar dele, ele culpabiliza a vítima, como se ela tivesse responsabilidade pelo fato ocorrido.

O eu lírico ainda afirma não ter controle, exatamente como um animal, que se satisfaz quando está *dentro* dela, ou seja, no ato sexual. *Se eu correr, não será suficiente/Você continua na minha cabeça, presa para sempre/Então pode fazer o que quiser, sim/Amo suas mentiras, vou engolir tudo/Mas não negue o animal/Que ganha vida quando estou dentro de você* (<https://letras.mus.br>, 2020).

O clipe da música é um exemplo da materialização do poder do homem, nele, o protagonista másculo é um açougueiro que persegue uma de suas clientes e tira várias fotos dela, tendo um estúdio para fazer a revelação das fotografias. Ele a persegue nas ruas, no seu apartamento, chegando a adentrar no recinto enquanto ela está dormindo, seminua, e tirar fotos dela naquela condição, sem seu consentimento. Enquanto a mulher é vista como um animal, uma presa, um ser sem vontades nem voz, desrespeitando a mulher enquanto indivíduo, ser da espécie humana, que, apesar de não ser retratada assim nas canções, tem os mesmos direitos e deveres que o ser masculino.

O clipe segue com o homem coberto em sangue e desesperado para realizar suas fantasias, em um dado momento, parece que fantasiar não é mais o suficiente. Ele se aproxima da mulher em um clube de dança, mas ela o ignora, o que não parece incomodá-lo, pois continua as investidas. A continuidade das investidas é um fato que ocorre muito na realidade do cotidiano das mulheres no mundo, promovendo, inclusive, movimentos feministas como *Não é Não*, criado no Rio de Janeiro em 2017, na tentativa de reduzir o número de assédios às mulheres (Salvaterra, 2019).

Após ser ignorado mais de uma vez, é possível observar que a postura do homem muda, ele começa a ficar mais sério e surgem *flashs* (recortes) dos dois tendo relações sexuais, aparentando ser a imaginação dele. Em seguida, a cena começa a ficar mais tensa, sendo derramado sangue quando a silhueta de ambos surge fazendo sexo e os dois ficam ensanguentados, podendo ser uma representação do estupro. No final, ele desperta e está novamente parado em frente ao apartamento da mulher.

Não é primordial entender se no clipe houve ou não estupro, mas compreender que a letra da música e sua produção visual dão a entender essa possibilidade e estimulam esse pensamento machista e depreciativo de que a mulher é um instrumento de prazer, é uma coisa e que pode ser possuída de acordo com a vontade do homem, independente das suas vontades e desejos.

ALL ABOUT THE BASS (MAIS UM CORPO TIPO VIOLÃO) – MEGHAN TRAINOR (2014)

A música permaneceu entre o 1º e o 2º lugar durante 9 semanas, apesar de parecer uma manifestação de aceitação sobre o próprio corpo, a letra dessa canção traz à tona as questões dos padrões de beleza junto a uma competição feminina sobre qual corpo tem mais desejo para a sociedade, objetificando o corpo da mulher. A música começa com a afirmação de que o eu lírico feminino não tem o arquétipo do corpo feminino desejado pela sociedade, dizendo *Por que você sabe que sou mais um corpo tipo violão/Tipo violão, não flauta/Sou mais um corpo tipo violão, tipo violão, não flauta* (<https://letras.mus.br>, 2020), o corpo tipo violão seria aquele que possui curvas, enquanto o tipo flauta seria o mais magro e reto.

O fato de fazer a comparação a instrumentos musicais já é uma forma de tratar o corpo como um objeto, além disso, trata a imagem feminina como algo que deve ser aceito e validado pelo desejo e poder da figura masculina: *Sim, está na cara, eu não visto 36/Mas eu sei balançar, balançar/Como eu deveria saber/Pois eu tenho aquela coisa que todos/Os meninos procuram/Toda gostosura certa nos lugares certos* (<https://letras.mus.br>, 2020).

Embora a letra trate também da aceitação do corpo como ele é, de acordo com a revista Billboard (2014 apud Ortega, 2014), o sucesso da música está na “sua mensagem de autoaceitação”, em trechos como *Se você tem beleza, apenas/Mostre-a/Porque cada centímetro seu é perfeito/Dos pés à cabeça* (<https://letras.mus.br>, 2020), o seguimento da letra destaca a mulher, vista como posse, pertence sexual e da libido masculina e ensinada a ter esse tipo de pensamento: *Pois é, minha mãe me disse/Não se preocupe com o seu tamanho/Ela diz: Meninos gostam um pouco mais de bumbum/Pra agarrar à noite (bumbum, bumbum, sim, bumbum, bumbum)* (<https://letras.mus.br>, 2020), objetificando, novamente, a mulher.

Além disso, o eu lírico agride as mulheres que são consideradas padrão de beleza, magras, os trechos seguintes são marcados por palavras de baixo calão e depreciação do corpo feminino a partir de insultos aos procedimentos estéticos que algumas mulheres optam por fazer: *Você sabe que eu não serei nenhuma magrinha/Barbie siliconada/Então, se é disso que você gosta/Pois vá em frente e parta pra outra! e Eu*

estou trazendo bunda de volta/Vá em frente e diga a essas/Vadias magrelas, e aí/Não, estou brincando eu sei que você/Acha que você é gorda/Mas eu estou aqui para dizer pra você que/Cada centímetro seu é perfeito/Da cabeça aos pés! (<https://letras.mus.br>, 2020).

No primeiro trecho, a palavra *Barbie* faz referência à boneca, criada em 1959, que apresenta um corpo visto pela sociedade como perfeito, mas a interpretação pode ir mais além, novamente o eu lírico relaciona a mulher a um objeto, dessa vez uma boneca que tem os aspectos físicos estereotipados, mas não passa disso, não tem outros atributos – como o cognitivo, por exemplo. E se é isso que o homem está em busca, então ele não está com a pessoa certa, pois as curvas são mais atrativas.

Corroborando esse verso, a estrofe seguinte diz que ter bunda – carne, algo para o homem agarrar, como a mãe do eu lírico ensina –, deve ser a nova moda e o aviso deve ser passado às ‘vadias’ magras, ofendendo, desnecessariamente, as mulheres que são tidas como parâmetro de beleza. É importante ressaltar que o padrão de beleza é algo proveniente da sociedade machista, cuja função é ditar regras sobre o corpo feminino com o objetivo de objetificar o corpo da mulher de modo a agradar os gostos e fantasias do ser masculino. A música poderia ser voltada ao empoderamento, à aceitação e ao respeito e amor pelo próprio corpo, entretanto, ao utilizar da ridicularização e diminuição de outro estereótipo, acaba por ser tão ofensiva como qualquer outra que retrata o corpo da mulher como propriedade ou acessório do ser masculino e de suas aspirações.

TALK DIRTY (FALA SACANAGEM) – JASON DERULLO – COM PARTICIPAÇÃO DE 2 CHAINZ (2014)

A música alcançou o 6º lugar, o título é sugestivo e aborda o ato de falar sacanagem ou safadezas durante o sexo, especificando que não importa se ambos não falam a mesma língua, contato que a mulher tenha um vocabulário de *palavras sujas* para proferir durante o ato sexual. Além disso, retrata a objetificação do corpo da mulher e como o conteúdo e as qualidades da mesma não importam, trazendo estrofes vulgares que acabam objetificando e sexualizando a mulher, fazendo, inclusive, apologia ao estupro.

No começo da canção, o eu lírico masculino trata a mulher como um objeto sexual do qual pode tirar vantagem, ele diz *Estou no voo que você pegou, internacional/Primeira*

classe, sente em meu colo, garota/Passeando confortavelmente/Porque sei do que as garotas precisam/De Nova Iorque até o Haiti/Tenho carimbos de batons em meu passaporte/Você faz ficar difícil ir embora (<https://letras.mus.br>, 2020), afirmando saber o que uma mulher gosta e que esse é o tratamento que ela merece, em qualquer parte do mundo.

O homem justifica que viajou boa parte do mundo e entender o idioma não é sua preocupação, pois o sexo é o que realmente importa: *Estive em várias partes do mundo, não falo sua língua/Mas sua bunda não precisa de explicação/Tudo o que eu realmente preciso entender é quando você/Fala sacanagem para mim* (<https://letras.mus.br>, 2020), e ainda vulgariza a mulher e seus atributos físicos. De acordo com Aparecida (2017), dentro da indústria do entretenimento, a mulher é simbolizada como objeto sexual em 58% dos produtos – músicas, filmes, desenhos etc. Para a autora, *a presença feminina sempre se deu de forma estereotipada, pois vem de um universo dominado pelo gênero masculino*, vista de forma acentuada nessa canção.

Para o eu lírico, a relação ou envolvimento é efêmero e só diz respeito ao contato físico, ele não está interessado em ter um diálogo ou conhecer a figura feminina e suas qualidades, tendo uma letra carregada de insinuações sexuais: *Você conhece as palavras das minhas canções/Não fala inglês/Nossas conversas não duram muito/Mas você sabe do que se tratam/Sei o que as garotas querem, de Londres até Taiwan/Tenho carimbos de batons em meu passaporte/Acho que preciso de um novo* (<https://letras.mus.br>, 2020). A estrofe mais obscena, e que faz alusão ao estupro, é a cantada pelo cantor convidado 2 Chainz *Vendi todos os ingressos, você pode chupar o meu pênis/Tenho arenas, armas no convés/Frente a frente e a língua no pescoço/Um sexo oral internacional/Cada foto que tiro, represento uma ameaça/Um barco ou um jato, o que você espera?/Uma pepeca tão boa/Que comprei a ela um animal de estimação/De qualquer forma, vou tentar fazer isso/Tenho que anotá-la no meu telefone como Bunduda* (<https://letras.mus.br>, 2020).

A letra sugere que o homem vendeu ingressos para que outras pessoas assistissem ao estupro e tira fotos desse momento, configurando provas contra si. De modo pejorativo e objetificando o ser feminino, o homem utiliza as palavras *pepeca* e *bunduda* para caracterizar os atributos da mulher que o chamam a atenção e justificar suas ações. Maquiada de forma a simular um encontro casual e sexo com pessoas por puro prazer, a

música na verdade maximiza a força do machismo e propaga a normalização do estupro, que é visto como culpa da vítima que atraiu ou foi permissiva, e acaba favorecendo a exclusão, a sexualização, a misoginia e o feminicídio.

HOTLINE BLING (LINHA ESPECIAL TOCAVA) – DRAKE (2015)

A música ficou em 2º lugar e relata sobre um término de relacionamento, no qual o homem deixa a cidade e a mulher muda o comportamento e atitudes após ser deixada. É uma narrativa de como o ser masculino se sente ao ver a mulher seguir em frente. É importante destacar que, em muitos casos de feminicídio, após o término, o homem se sente no direito de permanecer ditando o comportamento da mulher e se recusa a aceitar que essa passe a ter outros relacionamentos.

Na música de Drake, ele começa questionando que a figura feminina costumava ligá-lo perto da madrugada, já sabendo o que ela queria, afirmando *Você costumava me ligar no meu celular/Tarde da noite quando você precisava meu amor (...) /E eu sabia que quando aquela linha especial tocava/Só podia significar uma coisa* (<https://letras.mus.br>, 2020). Aparentemente, o término do relacionamento o leva a sair da cidade, ir embora para outro lugar e essa saída acarretou uma mudança nas atitudes da ex-namorada.

O eu lírico afirma que após deixá-la, a mulher passa a ter uma imagem e um valor alterado, minimizado, por conta da sua nova postura e por não estar mais ao lado da figura masculina. Inclusive, essa nova postura o leva a ficar ofendido e estressado, chegando a inferir que as roupas utilizadas ou o consumo de bebida determinam o caráter da mulher e o respeito que ela merece.

Desde que eu deixei a cidade, você/Tem uma reputação por você
mesma agora/Todo mundo sabe e eu me sinto abandonado/Garota, você
me deixa mal, me deixa estressado/Porque desde que eu deixei a cidade,
você/Começou a usar roupas menores e sair mais/Taças de champanhe
na pista de dança/Saindo com umas garotas que eu nunca tinha visto
(<https://letras.mus.br>, 2020).

É possível perceber um tom abusivo nesse relacionamento na afirmativa do eu lírico ao dizer que não conhece as novas companhias da sua ex-namorada, como se isso fosse algo inadmissível. Sendo corroborado ainda pelo trecho *você e eu, nós não sabemos*

mais lidar/Você me faz sentir como se eu tivesse errado/Indo para lugares que você não pertence (<https://letras.mus.br>, 2020), podendo ser observado o desconforto do ser feminino ao ter que frequentar determinados lugares com o então companheiro para satisfazê-lo, como sua obrigação enquanto mulher e acessório do homem, reafirmando o machismo e a objetificação da mulher.

Continuando a canção, o ser masculino afirma que a figura feminina encontrou aquilo que lhe faltava, a liberdade para farrar mundo a fora *you tem exatamente o que you pediu/Esgotando as páginas do seu passaporte* (<https://letras.mus.br>, 2020), liberdade essa alcançada apenas após o término do relacionamento, visto que uma mulher decente, de casa e para casar não pode nem deve ter esse tipo de comportamento. O eu lírico afirma ainda que

Hoje em dia, tudo que eu faço é/Ficar imaginando se você está correndo atrás de outra pessoa/Ficar imaginando se você está bolando um baseado pra outra pessoa/Fazendo coisas que eu te ensinei, ficando safada com outra pessoa/Você não precisa de outra pessoa/Você não precisa de ninguém mais, não/Por que você nunca está sozinha?/Por que você está sempre saindo?/Costumava ficar sempre em casa, ser uma boa garota/Você estava sempre na área, sim/Você deveria apenas ser você mesma/Nesse exato momento, você é outra pessoa (<https://letras.mus.br>, 2020).

Ou seja, ele pensa e analisa as ações, mesmo após o fim do relacionamento, da pessoa com a qual ele esteve. Como teve relações sexuais com ela, ele sabe suas preferências e agora a mulher está usando tais artefatos da sedução com outra pessoa, mas, para ele, isso não está certo e deveria acontecer somente com ele. Essa noção de posse está enraizada no machismo e é um dos fatores dos altos índices de violência, assédio, estupro, objetificação e depreciação da mulher, sexismo e feminicídio no mundo.

O ser masculino continua questionando o porquê da mulher continuar saindo após os dois terem se separado, para Grando (2016), é como se isso fosse um absurdo e a figura feminina necessitasse de um processo de luto, para lidar com a perda preciosa do seu dono. O eu lírico ainda estabelece que a nova postura e comportamento é motivo de questionar a idoneidade da mulher, que o fato de ficar em casa a tornava uma mulher considerada ‘boazinha’, ou seja, qualificada e certificada como mulher para se casar.

A canção é um retrato do pensamento generalizado do homem após o relacionamento acabar de que ele pode seguir em frente, mudar de cidade, mudar de

mulher, mas a sua ex-companheira deve permanecer triste e em casa, talvez, até mesmo, aguardando sua volta. É uma confissão da decepção e insatisfação com a postura adotada pelo ser feminino, visto como acessório, objeto, ser inanimado sem vontades, desejos, aspirações, e que precisa da permissão do homem para seguir em frente, sem essa concessão, a mulher está quebrando uma regra e é passível de retaliações, podendo ter sua credibilidade e moral questionadas.

ANÁLISE COMPARATIVA DAS MÚSICAS

É possível observar que as 6 músicas analisadas, as quais obtiveram grande destaque no *Hot 100* da revista Billboard nos anos de 2013 a 2015, apresentam um teor machista e fomentam a cultura do estupro. A música é uma das formas de expressão da cultura popular que exerce uma importante função na construção de identidades na sociedade moderna (<https://observatorio3setor.org.br/>, 2019), ou seja, é difundida e preservada dentro da sociedade, visto que, segundo Bakhtin,

Todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando-se com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico (2010, p. 86 apud Molon; Vianna, 2012).

Sendo assim, a música é uma ferramenta que carrega em si parte da identidade cultural, sendo possível a identificar o machismo validado e defendido pela sociedade, voltada à figura homem e representada por seus propósitos e vontades, a partir da objetificação e sexualização da mulher. A figura feminina acaba tendo que estar em concordância com parâmetros morais, estéticos, comportamentais e inclusive religiosos impostos pelo ser masculino no decorrer da formação social patriarcal.

Logo, as canções se tornam uma exteriorização cultural, um reflexo da sociedade e de seus pensamentos, relacionando a realidade ao entretenimento, retratando a realidade

dos princípios e crenças da sociedade e propagando tais perspectivas. O uso de ritmos, batidas e instrumentos harmoniosos auxiliam essa difusão de modo mais velado e, mesmo sem perceber, acaba se fixando à mente e se reproduzido, por ou sem querer, podendo ser tomado como verdade por aqueles que acreditam no discurso reproduzido por um ídolo ou pessoa de influência.

A exemplo disso, pode-se lembrar do discurso do atual Presidente da República, Jair Bolsonaro, que, enquanto Senador, no impeachment da então Presidente em 2016, Dilma Rousseff, fez uma homenagem à memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra chamando-o de *o pavor de Dilma Rousseff*, por ter comandado as sessões de tortura contra a ex-presidente, que foi presa durante a ditadura militar (Guimarães, 2017).

Mesmo fazendo menção a um torturador da ditadura de 1964 condenado no Brasil por suas ações, Bolsonaro foi eleito presidente da nação em 2018, mesmo após outras polêmicas envolvendo posturas machistas e misóginas, como afirmativas, conforme a Revista Carta Capital (2020), de que não estupraria a deputada Maria do Rosário porque ela não merecia, no ano de 2003 e reafirmando em 2014, e de que as mulheres deveriam receber menos (salário) visto que elas engravidam, a afirmativa se deu no ano de 2014 e foi reiterada em 2016.

O discurso machista, misógino e sexista da sociedade é a causa dos números de estupros e casos de feminicídio observados no Brasil, de acordo com a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Departamento de Comunicação Institucional,

A cada 11 minutos uma mulher é estuprada no Brasil, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), divulgados em 2015. A violência de gênero atinge centenas de mulheres diariamente de diversas formas: assédio, violência doméstica, feminicídio, cultura do estupro, machismo, entre outros. Ela perpetua-se na sociedade e constrói um mundo cada vez mais perigoso para o gênero feminino (2014).

O conteúdo machista das músicas observado nas 6 canções analisadas, e no mundo de uma forma geral, é um reflexo dos costumes e da educação machista desenvolvida e popularizada na sociedade. As mulheres, ao longo dos anos, foram vistas como meio de procriação, objeto de desejo e prazer, sendo também retratadas dessa forma em manifestações artísticas como literatura, pinturas e músicas. Na música, a banalização do ser feminino foi propagada mais fortemente pelo acesso popular a esse gênero, fazendo

com que a mulher perdesse seu valor individual e universal de ser, passando a ter valor de posse e responsável por saciar os desejos do gênero masculino.

Vale salientar que o mundo artístico foi, por muitos anos, predominantemente masculino, para uma mulher ter sucesso nesse contexto, ela se utilizava de pseudônimos ou cedia seus direitos a um homem, para que esse a representasse. Logo, o olhar masculino é esperado, mas não precisa ser mais aceito nem deve deixar de ser questionado, ou seja, a crítica e o posicionamento contrário à degradação e uso de termos pejorativos relacionados ao ser feminino devem ser contínuos e precisam ser mudados para que a sociedade conquiste a equidade real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o objetivo deste artigo, que foi mostrar como a mulher é vista e retratada pela indústria musical, especificamente, em trechos de canções na Língua Inglesa, fundamentada na análise crítica do discurso, a partir da coleta de dados obtida a partir das *hops 100*, músicas mais ouvidas e de maior influência durante a semana, avaliadas e certificadas pela revista Billboard.

As mulheres, desde seus primórdios têm sofrido com o ambiente machista de toda a sociedade. Com o passar dos tempos, as mulheres não queriam mais ser apenas donas de casas e depender de seus maridos, queriam a igualdade de gênero; e foi então que surgiu o feminismo, no qual lutavam e lutam por seus direitos. No entanto, o sexo feminino ainda é tratado como um objeto sexual para a maioria da sociedade.

Devido as análises realizadas para o presente estudo, percebeu-se que a maioria das músicas que ficaram no *hot 100* fazia a retratação das mulheres como objetos sexuais. Ao ler detalhadamente cada parte das músicas, é possível notar a visão do machismo presente em trechos que afirmam que a mulher deseja o homem ou quer que o homem faça algo com ela simplesmente pela forma como ela está vestida, sentada ou andando.

Dessa forma, intensifica o discurso machista e a cultura do estupro, culpabilizando a mulher por seu comportamento ou por sua roupa como resposta aos abusos sexuais ou morais provenientes da conduta machista da sociedade. As músicas aumentam e estimulam a objetificação da mulher com o preceito de que ela não precisa ser inteligente

ou ter qualidades cognitivas para ter algo na vida, ela precisa ter um corpo impecável, dentro dos padrões pré-estabelecidos pela sociedade, e assim, conseguirá todos os seus desejos, além de satisfazer o homem.

É importante destacar que o pensamento e alegações expressos nessas músicas manifestam o ponto de vista masculino, a voz do ser feminino não é exteriorizada ou manifestada nesse espaço, que só enxergam e idealizam o gênero feminino à disposição das vontades, desejos e fantasias do sexo masculino, sendo sua presa, sua posse e até mesmo um item substituível e dispensável.

Foi possível perceber, ao analisar algumas músicas, que a mulher ainda é vista como um objeto sexual e que nada além do seu corpo importa para o homem e que não tem direito a decidir e tem suas vontades suprimidas, engrandecendo e incentivando a cultura do estupro. Isso reflete e mostra o quanto o machismo é forte na sociedade, que é permissiva com seus aspectos e costumes, e que, mesmo com a luta do feminismo, a mulher ainda precisa ser *perfeita* no quesito sexual para satisfazer o homem, além de ser submetida diariamente a comentários degradantes e depreciativos.

Devido ao presente estudo, foi possível analisar a forma como o ser feminino é retratado na indústria musical e como a mulher é objetificada, desvalorizada e vista como um acessório sexual. Essa imagem precisa ser interrompida e reestruturada, desmontando essa relação de superioridade e inferioridade entre homens e mulheres, passando a traçar um novo perfil, onde ambos os indivíduos são iguais.

A luta do feminismo visa essa igualdade e está longe de acabar, pois a sociedade precisa mudar e dar o merecido e devido valor às mulheres. A segregação existe a partir do momento que um ser deve ser submetido ao outro como sua posse ou seu inferior, como o racismo ou nazismo, onde um determinado grupo, classe ou raça se vê superior a outro, diminuindo suas capacidades, desvalorizando seus valores, suas culturas e costumes, estereotipando-os e disseminando um discurso de ódio que pode perdurar em sociedades, por séculos.

A mulher pretende, através da luta pela igualdade de gênero, ser aceita na sociedade com equidade, não como ser superior ou inferior, mas com justiça, porém, os princípios sociais machistas impossibilitam a ascensão do ser feminino ao patamar de

igualdade. É preciso começar pela figura do ídolo, mudando sua postura e conduta musical, reconhecendo suas responsabilidades e respeitando a mulher, sem promover discurso de ódio, de estupro, objetificação ou de luta entre os seres femininos.

A indústria da música precisa reavaliar o seu papel na reprodução e propagação da música que viola os direitos da mulher ao incitar a violência, o estupro e sua objetificação. É preciso permitir e dar margem a protagonização positiva das mulheres, possibilitando a acessibilidade feminina como indivíduo de importância, relevante, que tem voz e não é dispensável, tampouco um acessório sexual.

A resignificação exige a extinção da desigualdade de gênero e do sexismo presentes na sociedade. É importante ressaltar que o machismo está presente em todos os sujeitos sociais, homens e mulheres, pois é uma construção social oriunda do patriarcado e passada a todos os indivíduos, gerando comportamentos, criações, regras e discursos distintos entre os gêneros durante os anos. A presença da religião, principalmente cristã, influenciou na forma de moldar os membros da comunidade, visto que a bíblia traz a história de Adão e Eva e promove a subordinação da mulher desde a sua criação no Éden, propagando a ideia de que a mulher é inferior ao homem e a ele deve servir.

Na música, a resignificação pode começar pela dissolução do pensamento de que a mulher é um objeto ou posse do homem e que ele pode fazer o que quiser e bem entender com a mulher. É necessário desmistificar a concepção de que a mulher precisa de um homem para ser feliz e deve ter o corpo perfeito, do ponto de vista masculino, para conseguir algo na vida, além de extinguir a perspectiva de posse, sexualização e objetificação do ser feminino, tratando-o de modo equitativo.

REFERÊNCIAS

ALVES, S. **Julgamento de Influencer Mariana Ferrer Termina com Sentença Inédita de ‘Estupro Culposo’ e Advogado Humilhando Jovem.** Disponível em: <https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>. Acesso em: 24 nov. 2020.

APARECIDA, F. **Objetificação das mulheres:** empoderamento ou só reflexo da objetificação da sociedade? Disponível em: <https://medium.com/revistagoshw/objetifica%C3%A7%C3%A3o-das-mulheres-empoderamento-ou-s%C3%B3-reflexo-da-objetifica%C3%A7%C3%A3o-da-sociedade-888b487fc804>. Aceso em: 25 nov. 2020.

BAITELLO JUNIOR, N. **A Era da Iconofagia: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura.** São Paulo: Paulus, 2014.

BARIFOUSE, R. **Robin Thicke está há 12 semanas no topo da 'Billboard' com "Blurred lines", uma música que lhe rendeu acusações de promover o estupro.** Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2013/09/ousado-ou-bofensivob.html>. Acesso em: 24 nov. 2020.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo: fatos e mitos.** 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BRANDÃO, H. **Introdução à Análise do Discurso.** São Paulo: Campinas, 1999.

BRASIL. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015.** Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.html. Acesso em: 23 nov. 2020.

CARTA CAPITAL. **Bolsonaro em 25 Frases Polêmicas.** Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

CONSOLIM, Veronica Homs. **A história da primeira onda feminista.** 2017.

CONSOLIM, Veronica Homs. **O que pede a terceira onda feminista?** 2017.

CONSOLIM, Veronica Homs. **Segunda onda feminista: desigualdade, discriminação e política das mulheres.** 2017. Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/09/14/segunda-ondafeministadesigualdades-culturais-discriminacao-e-politicas-das-mulheres/>. Acesso em: 13/06/2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016 [1981]. Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/09/15/o-que-pedeterceira->. Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/09/14/historia-daprimeira->.

DORIGON, A.; SILVÉRIO, B. C. **A violência contra mulher e a aplicação da Lei Maria da Penha e do feminicídio.** Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-169/a-violencia-contra-mulher-e-a-aplicacao-da-lei-maria-da-penha-e-do-feminicidio/>. Acesso em: 23 nov. 2020.

GRANDO, N. **A Mina de 'Hotline Bling' Tava é Feliz da Vida.** Disponível em: <http://ovelhamag.com/a-mina-de-hotline-bling-tava-e-feliz-da-vida/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

GUIMARÃES, J. **Conheça a história sombria do coronel Ustra, torturador e ídolo de Bolsonaro.** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/17/conheca-a-historia-sombria-do-coronel-ustra-torturador-e-idolo-de-bolsonaro>. Acesso em: 25 nov. 2020.

HAGUIÔ, G. **Como funcionam as paradas musicais da Billboard?** Disponível em: <https://tracklist.com.br/como-funcionam-as-paradas-da-billboard/89877>. Acesso em: 24 nov. 2020.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

LETRAS. **All About That Bass – Meghan Trainor**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/meghan-trainor/all-about-that-bass/traducao.html>. Acesso em: 25 nov. 2020.

LETRAS. **Animals – Maroon 5**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/maroon-5/animals/traducao.html>. Acesso em: 25 nov. 2020.

LETRAS. **Blurred Lines – Robin Thicke (feat. T.I. & Pharrell Williams)**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/robin-thicke/blurred-lines/traducao.html>. Acesso em: 24 nov. 2020.

LETRAS. **Hotline Bling – Drake**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/drake/hotline-bling/traducao.html>. Acesso em: 25 nov. 2020.

LETRAS. **Talk Dirty – Jason Derulo (feat. 2 Chainz)**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/jason-derulo/talk-dirty-feat-2-chainz/traducao.html>. Acesso em: 25 nov. 2020.

LETRAS. **Wiggle – Jason Derulo (feat. Snoop Dogg)**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/jason-derulo/wiggle/traducao.html>. Acesso em: 24 Nov 2020.

MARCUSCHI, L. A. (2002). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, Â. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna.

MENEZES, C. **Como o Billboard Hot 100 funciona?** Disponível em: <https://jovempan.com.br/entretenimento/musica/billboard-hot-100.html>. Acesso em: 24 nov. 2020.

MERELES, C. **Feminicídio: a faceta final do machismo no Brasil**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/feminicidio/>. Acesso em: 23 nov. 2020.

MESQUITA, G. **Fala Aí: Qual a diferença entre homicídio e feminicídio?** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/03/19/fala-ai-qual-a-diferenca-entre-homicidio-e-feminicidio/>. Acesso em: 23 nov. 2020.

MOLON, N. D.; VIANNA, R. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso**. Vol.7, nº 2, São Paulo jul./dez. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-45732012000200010>. Acesso em: 25 nov. 2020.

OBSERVATÓRIO DO TERCEIRO SETOR. **O Papel da Música na Sociedade**. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/>. Acesso em: 25 nov. 2020. onda-feminista/>. Acesso em: 13/06/2020. onda-feminista/>. Acesso em: 13/06/2020.

OTEMPO. **Relembre histórias marcantes de sequestro: caso Eloá e ônibus 174**. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/relembre-historias-marcantes-de-sequestro-caso-eloa-e-onibus-174-1.2224578>. Acesso em: 25 nov. 2020.

PINTO, Céli Regina Jardim Pinto. **Feminismo, história e poder**. Revista Sociologia Política. Curitiba. v. 18. n. 36. junho, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf> >. Acesso em: 21/06/2020.

RAMALHO, V; RESENDE, V. **Análise do discurso (para a crítica)**. São Paulo: Pontes Editores, 2011.

SALVATERRA, F. **Campanha NÃO é NÃO!** Conheça este Movimento que vai dar o que falar neste Carnaval e saiba como apoiá-lo! Disponível em: <http://artecult.com/dani-freitas-campanha-nao-e-nao/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

STANTON, E. C. **"WIGGLE" Jason Derulo feat. Snoop dogg "MEXER"**. Disponível em: <http://dalmelm.blogspot.com/2017/11/wiggle-jason-derulo-feat-snoop-dogg.html>. Acesso em: 24 nov. 2020.

UNIFESP. **Um Estupro a cada 11 minutos**. Disponível em: <https://www.unifesp.br/reitoria/dci/edicao-atual-entreteses/item/2590-um-estupro-a-cada-11-minutos>. Acesso em: 25 nov. 2020.

Submissão: fevereiro de 2026. Aceite: março de 2026. Publicação: julho de 2026.